

"UM ESTUDO SOBRE LINGUAGEM E LÍNGUA MENOR EM DELEUZE E GUATTARI"¹

Juliana dos Reis Santana²

RESUMO: O subprojeto de pesquisa intitulado "**Um estudo sobre linguagem e língua menor em Deleuze e Guattari**" visa estudar o problema da linguagem e a noção de língua menor a partir da obra *Mil Platôs*, vol. 2, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trata-se de pensar quais conceitos fundamentam o campo problemático e relações implicadas no âmbito da compreensão da linguagem e o significado da noção de língua menor. Objetiva-se, num primeiro momento, demarcar as críticas dos autores ao estruturalismo, a compreensão sobre o problema da linguagem e seu campo de relações; apresentar uma nova compreensão acerca da linguagem, a relação entre linguagem e os conceitos de agenciamento. Num segundo momento, a pesquisa se concentra em torno da noção de língua menor considerando os conceitos de devir e enunciação coletiva, além de propor uma discussão entre filosofia e comunicação com o livro: "**Jornalismo policial na televisão brasileira: gênero e modo de endereçamento**" do professor e pesquisador Dannilo Duarte.

Palavras chave: linguagem, agenciamento, língua-menor, rizoma, linha de fuga

ABSTRACT: The research subproject titled "A Study on Language and Minor Language in Deleuze and Guattari" aims to examine the problem of language and the notion of minor language based on the work *A Thousand Plateaus*, vol. 2, by Gilles Deleuze and Félix Guattari. It seeks to consider which concepts underpin the problematic field and the relationships involved in understanding language and the significance of the notion of minor language. Initially, the objective is to delineate the authors' critiques of structuralism, their understanding of the problem of language, and its relational field; to present a new understanding of language, particularly the relationship between language and the concepts of agency. In a second phase, the research focuses on the notion of minor language, considering the concepts of becoming and collective enunciation, as well as proposing a discussion between philosophy and communication through the

¹ Pesquisa realizada sob a orientação da Profa. Dra. Zamara Araujo dos Santos, coordenadora do projeto de pesquisa: "Planos e conceitos da filosofia e da estética em Deleuze e Guattari", ao qual este subprojeto está vinculado.

² Discente do V semestre do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Vitória da Conquista. IC bolsista pelo PIC/UESB. E-mail: slyjuliana@gmail.com

book: "Police Journalism in Brazilian Television: Genre and Mode of Address" by professor and researcher Dannilo Duarte.

Keywords: language, agency, minor language, rhizome, line of flight

INTRODUÇÃO:

Em "Mil Platôs" vol. II, Gilles Deleuze e Félix Guattari introduzem no primeiro capítulo o conceito de "**palavra de ordem**" como parte uma análise sobre o funcionamento das instituições sociais e políticas, sendo elencados em quatro postulados da linguística, onde os autores trazem algumas reflexões sobre esses pressupostos da linguística estrutural, sendo: **a linguagem seria informativa e comunicativa; haveria uma máquina abstrata da língua, que não reconheceria qualquer fator extrínseco; a língua como um sistema homogêneo e que só poderíamos pensar ou estudar a língua a partir de uma língua maior ou padrão.** Em primeiro plano é importante trazer de maneira expositiva o que são esses quatro postulados colocados pelos autores e como eles convergem para um processo de entendimento acerca do problema da linguagem e agenciamento que será debatido aqui, tudo isso para fomentar a discussão final que se estrutura na noção do conceito de língua menor.

Em relação ao primeiro pressuposto, que define a linguagem como informativa e comunicativa, Deleuze e Guattari afirmam que a palavra de ordem afirma a si mesma - que é ela quem manda; Primeiro, importante ter noção do senso comum da linguagem enquanto representação. O que os autores vão colocar, com a descentralização do poder linguístico, é que o que está na base na função da linguagem é a palavra de ordem. O conceito central do primeiro capítulo é a palavra de ordem, a linguagem antes de comunicar, antes de explicar, codificar informações, antes de expressar, ela ordena. "A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer." (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 12) A linguagem não está apenas para representar, mas para fazer agenciamentos maquínicos dentro das instituições e da sociedade, definindo e controlando a linguagem e o pensamento, trazendo assim o que os autores chamam de transformações incorpóreas.

Uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático. A ordem não se relaciona com significações prévias, nem com uma organização prévia de unidades distintivas, mas sim o inverso. A informação é apenas o mínimo estritamente necessário para a emissão, transmissão e observação das ordens consideradas como comandos. [...] A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte – um

De acordo o texto, o grande problema de pensar a linguagem só como comunicação é esquecer a noção de pressupostos – o discurso implícito e tudo que pode se tornar objeto de discussão - Por isso, a ideia de pressupostos permite que a gente diga sem dizer. Esses pressupostos têm uma função política e social, atuando como pontos de partida para a criação de novas configurações e agenciamentos. Este sistema é parte de um campo mais amplo de significação em que se pode moldar nossa compreensão de mundo. Um bom exemplo para elucidar esse conceito é o discurso político, assim como o discurso jornalístico que será abordado aqui.

O primeiro conceito a ser usado no livro é da palavra de ordem, trazendo uma reflexão sobre como a linguagem muitas vezes não comunica, mas ordena. Um comando ou uma expressão que pode mobilizar um conjunto de ações e significados. As palavras de ordem não são apenas simples instruções, mas são capazes de provocar mudanças, suscitar movimentos e articular relações entre diferentes elementos de um sistema. A palavra de ordem é o ponto de operação do desejo e das instituições, o que traz uma orientação, um direcionamento e um reforço para as práticas sociais. Ela não é simplesmente uma expressão, mas uma ferramenta de organização e mobilização.

A linguagem afeta os corpos, trazendo transformações incorpóreas instantâneas através do que os autores chamam de discurso indireto. Esse discurso indireto pode ser entendido como uma extensão ou continuidade de outros discursos por isso para os autores, uma voz nunca fala por si mesma, mas ela traz consigo um agenciamento coletivo e dessa forma se faz de caráter político-social, pois fala por uma coletividade.

“Passamos dos comandos explícitos às palavras de ordem como pressupostos implícitos; das palavras de ordem aos atos imanentes ou transformações incorpóreas que eles expressam; depois, aos agenciamentos de enunciação dos quais eles são as variáveis. Quando essas variáveis se relacionam de determinado modo em um dado momento, os agenciamentos se reúnem em um regime de signos ou máquina semiótica.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24)

A crítica posta no capítulo é justamente sobre quais vozes, quais agenciamentos estão sendo feitos, quem está falando ou melhor quem está comandando, criando novas configurações através dessa palavra de ordem, quais comandos e organização dentro dos discursos e práticas sociais estão servindo para direcionar e mobilizar as práticas e ações dentro de um determinado contexto estrutural social e político. Esse conceito se insere na perspectiva deleuziana de pensar a linguagem e a semiótica como formas de

produção e manutenção de realidades, em vez de meros reflexos do que já existe. A palavra de ordem, assim, é vista como um elemento dinâmico que participa ativamente da criação de novas possibilidades e intensidades na vida social e política.

A descentralização do poder linguístico se configura quando a linguagem opera transformações incorpóreas. A nível do estado das coisas não muda, mas muda ao nível do acontecimento. A palavra de ordem é instantânea, pois muda a nível dos corpos e muda tudo a nível de acontecimentos, esses processos de mudança não envolvem a matéria física, mas sim estados de pensamento, afetos e intensidades.

“Os corpos têm uma idade, uma maturação, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade. “Você não é mais uma criança...”: esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões. A transformação incorpórea é reconhecida por sua instantaneidade, por sua imediatidade, pela simultaneidade do enunciado que a exprime e do efeito que ela produz.”

(DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 20)

A ideia de agenciamento coletivo da enunciação traz os atos que acompanham os universais sintáticos, fonológicos só que com sentidos e contextos. Isso traz à tona outra linguagem. Traz línguas diferentes: *a menor e maior*. Que trazem outra forma de viver, trazem uma ruptura com formas políticas que modificam as estruturas pré-estabelecidas e desterritorializa para reterritorializar. Como uma máquina abstrata como aquilo que povoa o virtual, aquilo que está para além dos estratos linguísticos onde uma língua que influencia ou é influenciada por outra através de contato.

Um segundo aspecto é que haveria uma máquina abstrata da língua, que não reconheceria qualquer fator extrínseco. Deleuze propõe uma visão mais fluida e dinâmica da linguagem, onde os significados são constantemente recriados e não limitados a normas sociais ou psicológicas, o Deleuze e Guattari trazem a crítica ao pressuposto linguístico que toda língua seria uma realidade essencialmente heterogênea. Para os autores a língua seria uma forma abstrata, uma máquina abstrata ainda em formação, não se atualizou em forma. Pensar a palavra de ordem, como fluxo se começa no nível que ainda não tem forma que não foi dividido em expressão e conteúdo que não tem estratos. Sendo um agenciamento em duas partes: Expressão que seria um agenciamento coletivo de enunciação e conteúdo que seria um agenciamento maquínico. Movimentos de desterritorialização e retorialização ou decodificação e codificação. A nível da expressão estão as transformações incorpóreas

e a nível de conteúdo estão os corpos e as coisas. “Desse ponto de vista, a interpenetração da língua com o campo social e com os problemas políticos encontra-se no âmago da máquina abstrata, e não na superfície. A máquina abstrata enquanto relacionada ao diagrama do agenciamento nunca é linguagem pura, exceto por erro de abstração. É a linguagem que depende da máquina abstrata, e não o inverso” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 36).

Um terceiro ponto é de que só se poderia pensar a língua como um sistema homogêneo. Os autores desafiam a noção de que a linguagem é uma estrutura fixa e uniforme. Para eles, essa perspectiva ignora a complexidade e a heterogeneidade da experiência linguística. No terceiro elemento os autores trazem o elemento de variação contínua. Ela se movimenta se aproximando e se distanciando. Esse movimento pode aproximar ou distanciar das intensidades. Quanto mais distante mais molar é o agenciamento e quanto mais perto mais molecular, até chegar um ponto que o agenciamento pode se perder e entrar num estado de variação contínua. Ela desmonta a expressão e o conteúdo. A partir disso, quando falamos em língua, não estamos falando dos estratos, constantes, dessas combinatórias. Essa é a grande saída e crítica do livro. Não basta só a estrutura que descentra o sujeito, é importante não mais focar o sujeito como origem, o sujeito ele faz parte da ação. Antes do sujeito, tem forças e essas forças têm variações contínuas, têm intensidades, têm devires, processos e fluxos que ainda não são o sujeito e não são estrutura. “O conteúdo não é um significado nem a expressão um significante, mas ambos são as variáveis do agenciamento.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 35)

No quarto e último postulado, a reflexão sobre a linguagem frequentemente nos leva a considerar não apenas a sua estrutura, mas também as dinâmicas e tensões sociais e políticas que as moldam. A afirmação: “Só se poderia pensar a linguagem a partir de uma língua maior e menor – uma língua “padrão”; tratando a língua para além das estruturas homogêneas, pré-estabelecidas e maioritárias, traçando linhas de fuga, devires e novos territórios, retomamos a ideia da palavra de ordem, que a princípio parece estar a serviço dessas estruturas, mas é a partir dela dessa palavra de ordem que criamos línguas menores. Porque também é pela palavra de ordem que podemos realizar transformações incorpóreas. A língua menor não é estar em outra língua, mas traçando linhas de fuga através da palavra de ordem contra esse padrão pré-estabelecido. Não está presa a uma forma específica, é sobre uma voz que não tem voz, assumir um território demarcado por ela e não pelo modelo padrão. Pensando nas variações contínuas o que está sendo modulado, o que está indo para além da forma, quais os movimentos que estão sendo agenciados ali e quando a língua começa ser

ocupada pelos excluídos dela, ela fica diferente. A partir disso se retoma o discurso indireto livre, de um agenciamento coletivo de enunciação. Nunca se fala sozinho, sempre se retoma uma série de outras vozes, (ex: o que o kafka traz com Josefina a cantora) a nossa voz já é a retomada de outras vozes. E quando essa voz toma esse lugar de autoria, muitas outras vozes vêm junto isso que é criar uma língua menor. Por isso que é importante entender a língua para além do padrão, para além do homogêneo, entender a língua nesse contexto maior que está para além da palavra de ordem e do implícito e com isso buscar meios de subverter a fim de recriar e romper com as estruturas de poder homogêneas.

“Os principais estratos que aprisionam o homem são o organismo, mas também a significância e interpretação, a subjetivação e a sujeição. São todos esses estratos em conjunto que nos separam do plano de consistência e da máquina abstrata, aí onde não existe mais regime de signos, mas onde a linha de fuga efetua sua própria positividade potencial, e a desterritorialização, sua potência absoluta.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 94)

A palavra de ordem pode ser subvertida como um potencial de resistência: Apesar de serem ferramentas de controle, as palavras de ordem também podem ser subvertidas e reapropriadas pelos indivíduos e grupos para criar significados e promover a resistência. Essa ação criativa pode levar à emergência de novos discursos e identidades que desafiam as estruturas de poder estabelecidas. Os conceitos de rizoma e linhas de fuga nos ajuda a compreender o mecanismo usado para esses novos agenciamentos e novas reterritorializações. Esses rizomas partem de um princípio de multiplicidade, são um emaranhado de linhas, de atravessamentos, essas linhas ora se estratificam em formas, ora permanecem fluidas como potência. Essa fluidez de potência é um processo de ruptura, sendo desterritorializada. Essa desterritorialização é uma operação da linha de fuga quando se desprende de uma língua maior - não no sentido de valor, mas no sentido de algo que é imposto, a fim de reconstruí-la à sua maneira, de reterritorializá-la. Ativos com necessidade de escapar, traçar uma linha de fuga e se desterritorializar, se desfamiliarizar de um determinado conjunto familiar, burocrático, social, político, econômico e judicial; e com todo esse conglomerado e ampliação surge a necessidade do *devenir* que seria uma transformação, um atravessamento, um conteúdo do desejo que através dessas linhas de fugas, dessas rupturas, não está mais aprisionado e pode finalmente ter expressão própria, vontade, potência. Trazendo novos desdobramentos e agenciamentos que de acordo com os autores são agenciamentos coletivos. Pois numa língua menor tudo é político e sobretudo coletivo, toda voz fala por milhares, por toda uma minoria e nunca por si só. É nítido o conceito de maquínico – desejo maquínico, agenciamento maquínico -, nos mostrando de forma genuína a real potência

desses atravessamentos causados por essas rupturas e subversão ao que é ordenado passam a ter outras formas de expressão que são os de uma máquina revolucionária do devir.

METODOLOGIA

A metodologia instruída para a elaboração dessa pesquisa foi feita com base em leituras teóricas e levantamento biográfico dos teóricos: Gilles Deleuze e Félix Guattari, Nelson Werneck Sodré e comentadores como Silvio Gallo, Hélio Rebello entre outras leituras, foi possível assimilar alguns conceitos utilizados para o desenvolvimento dessa pesquisa tais como: *devir, rizoma, agenciamento, coletividade, maquínico, desejo etc...* também foi utilizado o trabalho do professor e jornalista Danillo Duarte para a discussão da noção de palavra de ordem.

O professor e filósofo Peter Pal Pelbart, em uma de suas aulas traz que na era da revolução tecnológica a qual vivemos, a grande revolução se deu na esfera mental do indivíduo. Hoje o capitalismo, ainda que requeira da manufatura, requer muito mais de nós, o que ele chama de esfera mental do ser. As máquinas agora estão dentro da nossa cabeça, nosso intelecto é requisitado devido uma medicação capitalista. O estado nos vampirizou. Essa bio-potência do indivíduo agora já capitalizada nos arranca de nós mesmos, transformando-se em um bio-poder capital. Em tempos de polarização política, lutas e necessidades ainda coloniais, hoje eu vejo o mundo na ótica contra colonial; não nomeio como pós-colonial. Porque ainda somos colônia. Dessa forma, essa subversão da palavra de ordem vem como um novo agenciamento coletivo que abraça toda uma minoria que está sustentando uma “maioria” que a oprime, a controla e a comanda através de discursos que encabeçam as principais vias de informação, moldando a realidade a qual a gente acredita viver, quando na verdade estamos sobrevivendo. Tudo muda, mas não muda ao estado das coisas e sim um acontecimento a nível molecular, não é necessário que alguém em um cargo de poder, por exemplo, seja destituído, mas que nossa percepção produza uma necessidade maior que almejar aquele poder, mas que almeja algo maior, algo coletivo, algo político, algo com mais intensidade, uma subversão que explore a nossa potência de conexão enquanto ser desejante. Com essa compreensão de repente alguma coisa está rachada, houve ali uma ruptura um novo atravessamento será desejado, novos espaços, novas noções e interpretações serão pensadas e agenciadas por novas vozes criando rizomas, linhas de fuga de um devir-minoritário de uma minoria que rompe com o pré-estabelecido que não aceita mais comandos de palavras de ordem, uma transformação que nos leva a pensar e desejar para além do que nos é ordenado.

RESULTADOS E CONCLUSÃO

Pensar a noção de palavra de ordem enquanto algo controlado e comandado é também pensar essa palavra enquanto poder. Um poder que agencia, pode-se dizer, então, que esse agenciamento implica em um estrangulamento ou negação do sujeito uma vez que se sobrepõe a ele. Tal fato possui uma ligação com a origem da linguagem no discurso indireto, aquele que fala sem dizer, mas traz consigo toda uma ideologia, aqui será abordado o discurso jornalístico para traçarmos um paralelo entre informação e palavra de ordem. Sodré no seu livro sobre a história da imprensa no Brasil traz a ideia de oligopólio para ilustrar que os meios de comunicação em massa pertencem a um pequeno grupo com interesses dominantes. Segundo Sodré, a imprensa nasceu com o capitalismo e acompanhou seu desenvolvimento.

“Ela espelha, atualmente, a ampla crise que caracteriza a atual etapa do avanço do capitalismo. Etapa bem definida, aliás, pelo extraordinário surto e influência dos referidos meios de massa. Como estamos às vésperas de avanço tecnológico de proporções inéditas, nesse terreno, é de crer que profundas mudanças serão operadas nas atividades dos meios de comunicação...”
(Sodré, 1999, pág. 10)

Com o livro: “jornalismo policial na televisão brasileira: gênero e modo de endereçamento” do professor e pesquisador Dannilo Duarte podemos entender de forma íntima como nossa percepção e compreensão da realidade é comandada através da “palavra de ordem” que vem com a proposta de nos informar, mas acaba trazendo para a noção do acontecimento, uma transformação a nível de nossa percepção da realidade. Dannilo Duarte analisa os modos de endereçamento e a forma como as emissoras de televisão apresentam as notícias policiais, buscando entender as implicações desse formato para a percepção pública da criminalidade e da justiça em nosso país. O livro começa caracterizando o jornalismo policial como um gênero que se destaca por seu enfoque em crimes, investigações policiais e eventos relacionados à segurança pública, explorando as características distintivas desse gênero, incluindo o uso de uma narrativa sensacionalista e o foco em histórias de impacto emocional forte. O gênero e a formatação também são elementos importantes analisados pelo autor, programas como: *Cidade alerta*, *Brasil Urgente* e *Linha Direta*. São moldados para atrair e reter a audiência sempre apelando para imagens chocantes com ênfase em elementos dramáticos, criando um modo de endereçamento voltado para gerar uma resposta

emocional no telespectador. Como conclusão, o livro aborda a percepção pública da criminalidade e da segurança.

Duarte argumenta que a forma como os crimes são apresentados tem um papel influenciador na percepção da população sobre a violência e a eficácia das políticas de segurança pública. Como aponta Muniz Sodré (2002, p. 98), o "horror show, o catastrofismo e a violência midiaticizada revela-se um excelente operador semiótico para hibridizações ficcionais entre realidade e imaginário". Duarte oferece uma crítica ao papel do jornalismo policial na televisão brasileira, trazendo questões éticas e sociais e questionando se a forma sensacionalista da abordagem desses veículos de comunicação contribui apenas para alimentar o medo, o preconceito e a noção de não segurança em sociedade com uma máscara de jornalismo enquanto "quarto poder". Assim como esses veículos de imprensa usam da linguagem e em especial da palavra de ordem em seus discursos, Duarte consegue em seu livro subverter essa ideia imposta, esse comando que molda a percepção de milhares de brasileiros diariamente. O livro faz uso da linguagem de forma abrangente, trazendo um rompimento com a ideia de verdade e nos propõe a pensar de forma crítica e como esse gênero afeta a compreensão pública de criminalidade e de justiça. Isso por si só é um agenciamento que nos convida a romper com o que a ordem diz ser a verdade e pensemos de forma crítica o que está sendo comunicado quais impactos isso pode trazer para nós enquanto sujeitos.

Verifica-se que tanto em *Mil Platôs Vol. II* quanto no livro examinado, acredita-se no poder da linguagem: seja como um poder imanente, resumida em palavra de ordem, que sempre atuará dentro das ideias e da percepção e do incentivo capaz de realizar transformações incorpóreas; seja como um poder no discurso e por detrás dele, que se apoia em instituições legitimadoras e manifesta-se através dos gêneros discursivos construindo estruturas numa relação dialética, de forma que é capaz de, até mesmo, ensejar uma mudança, uma fissura ou uma frecha em nossa percepção da realidade, realizando, assim, agenciamento político-coletivo.

AGRADECIMENTOS:

À prof^a, Dr^a Zamara Araujo dos Santos.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

À Gerência de Pesquisa e Inovação – GPI.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PPG.

À FAPESB, pela bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO Jr., Hélio Rebello. **Conceitos Onto-Políticos No Pensamento De Gilles Deleuze: "Minoria" Como "Devir-Minoritário"**. Política e Trabalho 15 - PPGS-UFPA. Setembro / 1999 - pp. 21-28.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Palavra de ordem / dispositivo disciplinar**. Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura, n. 5, p. 91-108, 2003 Tradução. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001344361.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

DELEUZE, Gilles. **O ato da criação**. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: Por uma literatura menor** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução: Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução: Luiz. B. L. Orlandi. – 1. ed.; 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2**. São Paulo: Editora 34, 1995

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G., Parnet, C. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris. Filmado em 1988-1989. Publicado em: 1995.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**. Educação & Realidade, v. 27, n. 2, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

OLIVEIRA, Dannilo Duarte. **Jornalismo policial na televisão brasileira: gênero e modo de endereçamento**. 01. ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014. v. 1. 222p

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ZOURABICHIVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2004.